

AULA DE CAMPO COMO FERRAMENTA EDUCATIVA: Práticas na Orla Marítima de Fortaleza/CE

Fábio de Oliveira Matos

Doutorando do Programa de Pós-graduação em Geografia da UFC
Universidade Federal do Ceará
fabiomoria@yahoo.com.br

Tiago Estevam Gonçalves

Mestre em Geografia
Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
tiagoestevam1@yahoo.com.br

Introdução

Sabe-se que Fortaleza tem como atração paisagística belas praias, sendo esse um lema central no discurso do Estado da atualidade. Diante disso, tornou-se um dos maiores redutos à visitação turística do país nesse início de século XXI, elencando sua zona costeira como um dos principais atrativos turístico da cidade. A beleza do litoral, com seus imensos coqueirais, águas esverdeadas e um sol que brilha o ano todo atrai diversos tipos de olhares que encontram no litoral fortalezense um local para o lazer e o descanso.

A produção dos espaços litorâneos vem a ter na atualidade uma relação direta com os discursos do modelo de turismo concebido no país que, ao priorizar esses espaços, contribui para o seu adensamento, resultando na expansão do urbano e numa conseqüente valorização do uso do solo litorâneo. Dantas (2006, p. 269) compreende o fenômeno turístico como sendo “definido como um processo organizado de incorporação do litoral ao mercado de terras e à indústria turística, fato resultante da adoção de políticas que provocam uma valorização artificial da terra”. Dessa forma, a ideologia do turismo é internamente assumida pelo Estado que passa a dividir com as organizações privadas (agência de viagens, rede hoteleira, grupos imobiliários etc.) o compromisso de comercializá-lo.

Nos últimos vinte anos, o litoral de Fortaleza vem passando por intensas políticas de estruturação urbana, como a construção dos calçadões que permeiam o bairro do Meireles e Praia de Iracema, no sentido de dotá-la com um conjunto de equipamentos que contribuam para sua efetivação como polo turístico.

Frente a essa situação, foi realizado um trabalho de campo com percurso saindo das imediações do Mercado do Peixe no Meireles até o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC). Os relatos aqui presentes são resultados da aula de campo da disciplina Espaço, Paisagem, Território e Região, ministrada pelo Prof. Dr. José Borzacchiello da Silva no programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará.

Na atividade de campo, as diversas teorias abordadas anteriormente em sala de aula, local tradicional de ensino-aprendizagem, foram observadas e discutidas de forma prática. Quando realizamos esta prática entramos em contato com a realidade, gerando em nós, alunos, questionamentos que talvez em sala de aula não tivéssemos, daí ser bastante conveniente este tipo de prática educativa.

Diante deste esboço temos como objeto de estudo do trabalho de campo, um trecho da orla marítima de Fortaleza (ver percurso na Figura 1), no qual buscamos compreender a partir dessa atividade o processo de produção daquele espaço e sua importância para o turismo.

Neste caminhar, numa das mais importantes avenidas da capital cearense, analisamos de forma sistemática e analítica as categorias que dão suporte ao conhecimento geográfico: Espaço, Região, Território e Paisagem, e através da análise compreendemos como elas estão intrinsecamente relacionadas.

Figura 1 – Percurso na Avenida Beira-Mar.



Fonte: Google Earth.

A Beira-Mar e sua evolução espaço- temporal

Ao iniciarmos a aula no Hotel Iate Plaza, logo percebemos através da paisagem, as desigualdades existentes no local, sendo possível perceber nitidamente o contraste social existente. Esta diferença socioespacial foi identificada a partir de elementos da paisagem como o significativo número de hotéis que atendem uma classe média e alta, praticamente ao lado de casas construídas em dunas que atendem as classes menos favorecidas, denominado de Morro de Santa Terezinha.

De acordo com Santos (1998) este conceito de paisagem está repleto de significados, no qual o geógrafo necessita estar bastante atento e sensível ao visível, tentando ter um olhar mais aguçado da realidade.

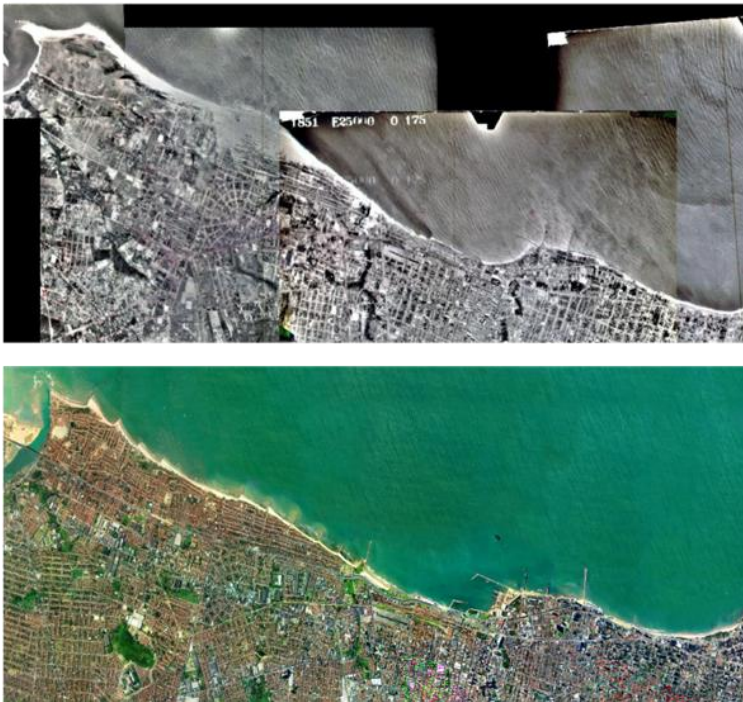
Tudo aquilo que nós vemos, o que a nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc. (SANTOS, 1998, p.61).

Esse quadro contrastante revela as contradições no espaço urbano. A valorização da terra, através da especulação imobiliária e fundiária é um dos fatores que gera déficit habitacional, pois os preços elevados torna o acesso à moradia as classes de menor poder aquisitivo uma realidade cada vez mais distante. Com isso, a comunidade pobre direciona-se para áreas de riscos e com falta de assistência sanitária básica, sendo o retrato do que ocorre em boa parte do litoral brasileiro.

No início do percurso, detectamos também na paisagem um conjunto de hotéis localizados defronte a uma antiga linha ferroviária do ramal “Parangaba-Mucuripe”, não seguindo assim os parâmetros urbanísticos no do processo de organização do espaço urbano. Ao direcionar o olhar para a faixa de praia, percebe-se a praia Mansa e o ancoradouro do Porto do Mucuripe, construído na década de 1950. Com a sua construção, alguns problemas ambientais começaram a acontecer na costa litorânea de Fortaleza, como o processo de erosão chegando a atingir a praia de Iracema e atualmente as praias da costa oeste cearense, como Iparana e Icaraí.

Percebemos a partir da Figura 2 que parte da Praia de Iracema foi “engolida”, resultado do avanço da maré após a construção do Porto do Mucuripe. Com o agravamento dessa problemática ambiental, esse trecho do litoral de Fortaleza passa a ser constituído de um conjunto de diversos molhes a fim de conter o avanço do mar. É interessante observar que apesar dessa intensa agressão ao meio ambiente perpetrado no início da segunda metade do século passado realizado, tal fato não impediu a prática de diversas outras acometidas, como foi possível observar no trajeto, como por exemplo, um hotel que incorporou a faixa de praia no seu empreendimento, através de uma ponte que interliga o estabelecimento a praia, privatizando deste modo o espaço público.

Figura 2 – Comparação dos perfis litorâneo da Praia de Iracema em 1950 e na atualidade.



Fontes: Arquivo Nirez e Google Earth

A Avenida Beira-mar (Figura 3) é o primeiro grande empreendimento estabelecido na orla marítima de Fortaleza que associa paisagismo e mobilidade urbana. Construído na década de 1960 sua construção, prevista no Plano Diretor de Fortaleza, constituía uma decisão oficial contra a hegemonia urbana da “Praça do Ferreira no campo do lazer e o fim da estrutura urbana monocêntrica polarizada pelo núcleo central. É quando os conflitos entre os distintos agentes sociais produtores e consumidores do espaço urbano vão se intensificar na orla marítima” (ROCHA JÚNIOR, 2000, p. 90), transformando dessa forma a referida praia no “principal ponto de encontro de Fortaleza, em detrimento do Centro” (DANTAS, 2002, p. 66).

Figura 3 – Trecho da Avenida Beira-mar.



Fonte: do autor

A primeira parada na Avenida Beira-Mar ocorreu na sua extremidade mais a oeste, nas proximidades do Mercado do Peixe. Naquele local, foi possível perceber as contradições resultantes dos diferentes mercados no mesmo mercado, ou seja, o chamado mercado moderno e o mercado antigo, sendo o primeiro incentivado pela Prefeitura, enquanto o segundo é uma forma de resistência das colônias de pescador. Tendo como público desses dois ambientes as classes alta e média da sociedade fortalezense, este espaço não configurasse como único lócus da venda de peixe e mariscos, pois foi possível perceber ao longo do percurso a formação de diversos pontos de venda na praia, sendo fruto da resistência de pescadores pelo seu território outrora perdido.

Sobre o Mercado do Peixe, é interessante atentar que frequentemente o mesmo é alvo de tentativas de remoção daquela área, principalmente por parte dos empresários de hotéis, restaurantes e estabelecimentos voltados aos turistas e as classes mais abastadas, com argumentos de que o mesmo não se encaixa na “nova” paisagem praiana.

As diferentes formas de ocupação do espaço, bem como os limites internos na organização dos estabelecimentos é um convite a discussão da categoria Território. A dimensão simbólica encontra-se presente entre os pescadores e comerciantes do Mercado do Peixe, configurando-os

identidade na busca pela manutenção da zona costeira como lócus da venda do pescado. As relações que os grupos mantêm com o seu meio não são somente materiais, mas também de ordem simbólica, tendo sua territorialidade delimitada através de embate na manutenção de suas espacialidades. Os homens concebem seu ambiente como se houvesse um espelho que, refletindo suas imagens, os ajuda tomar consciência daquilo que eles partilham.

A valorização do mar de Fortaleza se dá progressivamente a partir de mudanças de ordem simbólica, tecnológica e socioeconômica. A relação do homem com o mar até o início do século XX era bastante diferente da praticada na atualidade. Até o princípio do século passado a sociedade fortalezense considerava a praia um local impróprio, sendo um ambiente evitado pelos mais abastados, a não ser para práticas de tratamentos terapêuticos, sendo um reduto de usufruto quase que exclusivo dos pescadores, que se utilizavam do mar tanto para o trabalho quanto para o lazer, além de construir suas residências nas proximidades da praia.

Na Avenida Beira-Mar, observamos como o espaço é dinâmico tendo novas formas, funções, processos, estruturas, de acordo com mudanças que ocorre na relação espaço-temporal. Destacando assim o aspecto diacrônico e sincrônico, como no tempo o homem se relaciona com o espaço.

Turismo e valorização da Beira-Mar

Nesta perspectiva, a zona litorânea passa por um processo de valorização vista através dos edifícios construídos na orla marítima da zona leste de Fortaleza. Os prédios procuram uma paisagem panorâmica voltada para o mar, como forma de diferenciar-se e atrair o maior número de pessoas. Os principais hotéis da cidade encontram-se localizados na Avenida Beira-Mar, resultando num grande movimento de turistas que consomem esse espaço. Formando um extenso paredão de concreto estes edifícios são de origem recente, dado que o primeiro hotel instalado na avenida, o Marino de Andrade, data da década de 1960.

Desde a instalação do primeiro hotel, os bairros localizados naquele trecho do litoral foram tendo uma dimensão de desenvolvimento turístico em nossa cidade, resultando num aparato de grandes hotéis atendendo turistas de origem nacional e internacional.

O período compreendido entre as décadas de 1940 e 1970 em Fortaleza pode ser considerado como o momento de “construção da cidade litorânea, com a valorização das zonas de praia como lugar de habitação, de lazer e de veraneio” (DANTAS, 2002, p.49-50), tendo as zonas da Avenida Beira-mar e Praia de Iracema como principais redutos para os que visitam a capital cearense. Tal fato é evidenciado com o avançar do percurso da atividade de campo no calçadão dessa avenida em direção à praia de Iracema. Em alguns pontos do espaço, atentou-se para uma organização espacial com uma infraestrutura voltada aos visitantes de Fortaleza, como a presença de um corredor com hotéis, agências de correios, de viagens, caixas eletrônicas de diversos bancos, restaurantes e outros. Esta área de Fortaleza tem demonstrado o seu papel como um dos principais corredores turísticos não só do Ceará, mas do Brasil.

O calçadão passa a configurar como o espaço do turista, do pescador e dos diversos vendedores formais e informais, além dos habitantes da cidade, configurando-se como um espaço multiterritorial, com vários tipos de uso, de acordo com as diferentes territorialidades dependendo do dia e horário.

Ao longo do percurso destacou-se também a questão de status na sociedade moderna, sendo o calçadão da Beira-Mar um *locus* de ver e ser visto, ou seja, de vitrine, de visibilidade. O território revela-se diante das relações desenvolvidas por estas classes. Avenida Beira-Mar tem um padrão urbano segmentado, de um lado prédios antigos e de outros prédios recentes.

Observa-se no calçadão a instalação de barracas tradicionais com outras mais modernizadas, chegando a alguns momentos revelar a desordem espacial. Ao buscar uma análise aprofundada detectou-se que este espaço é bastante disputado, tendo uma privatização do público, por parte de estabelecimentos comerciais formais e informais, além da movimentação de pessoas tanto de turistas como das diversas classes de Fortaleza.

O território então se revela como o espaço em que as relações sociais se desenvolvem, mas não se desenvolvem de qualquer maneira, existindo no abstrato as relações de poder que se concretiza no espaço com suas formas e funções, além da estrutura e processo.

Praia de Iracema e sua paisagem

A atual praia de Iracema, antes de possuir esta denominação, teve outros nomes, como praia do Peixe e praia dos Amores. Ao visitarmos o calçadão da Praia de Iracema, construído na

década 1980, Observou-se a paisagem em decadência, visto o aspecto do calçadão em péssima condição, necessitando de reforma.

Logo no início da praia, vimos à estátua de Iracema bastante deteriorada revelando assim os sinais concretos da falta de conservação do lugar. Ao visitarmos uma antiga região desta praia, onde se localizavam bares e restaurantes voltados para as classes médias com uma vida noturna bastante agitada, detectou-se uma paisagem realmente decadente consequência da violência, turismo sexual, falta de políticas públicas dentre outros. Apesar do processo de revitalização na Avenida Beira-mar elaborada pela prefeitura, além da instalação de novos equipamentos, como o Jardim Japonês, observou-se, o notável desinteresse com o paisagismo na continuidade do calçadão na área da Praia de Iracema.

Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura

Finalizando nossa aula de campo, chegamos ao Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC), inaugurado em 1999. O CDMAC (Figura 4) tem como objetivo democratizar a arte e a cultura em Fortaleza, este objetivo não é atingindo por completo. Mesmo com uma programação gratuita, os fluxos que ocorrem neste espaço têm a predominância das classes alta e média.

Figura 4 - Vista do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura.



Fonte: do autor

Um fator que dificulta o acesso das classes baixas é a distância de suas residências até o CDMAC, bem como a falta de acesso a informação da existência de uma programação gratuita. O CDMAC tem os seguintes espaços de arte e cultura: Teatro, salas de Cinema, Anfiteatro, Planetário, Praça Verde, Museu de Arte Contemporânea, Café Santa Clara, espaço Rogaciano Leite, Memorial da Cultura Cearense.

No entorno do Dragão do Mar, temos bares, restaurantes, boates, destacando que em suas proximidades ocorreu uma “requalificação” do espaço, visando atender principalmente aos estabelecimentos privados.

Considerações Finais

Na seara da Geografia, uma das funções mais importante na universidade é despertar e desenvolver o pensamento produtivo, ou seja, contribuir para que o discente pense criticamente. Então, nesta aula de campo pela Avenida Beira-Mar, refletimos e analisamos as possibilidades de aplicação daquilo que foram apreendidos em sala de aula, os conceitos de: Espaço, Paisagem, Território e Região, desenvolvendo assim em nós discentes o aprender e o pensar.

Nesta atividade tivemos também a liberdade da construção do conhecimento geográfico, por isso consideramos uma atividade altamente construtiva na disciplina em curso. Com o trabalho de campo foi possível observar, a partir da estrutura daquela parte do litoral de Fortaleza, a própria situação da cidade. A descomedida utilização da praia por qual vem passar a capital cearense na atualidade, tanto como área de lazer, com a “invenção” de novas tradições, quanto na intensificação dessa mesma área para a indústria do turismo, firma esse espaço em palco de novos conflitos, fruto de uma espacialidade segregada, como também na mudança do ambiente outrora natural.

Essa atividade permitiu também chegarmos à compreensão da produção do espaço e a transformação deste ao longo do tempo, bem como as territorialidades enquanto frutos de ações de resistências, gerando conflitos e diversidade ao longo desse trecho de orla. A partir da prática da atividade de campo foi possível confrontar a teoria com a realidade, ou parte dela, sendo um

rico campo para o debate no âmbito do programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará.

Referências

CASTRO, Iná Elias; CORRÊA, Roberto Lobato; GOMES, Paulo César da Costa. (Org). **Geografia: conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço Urbano.** São Paulo: Ática, 1995.

CORRÊA, Roberto. Lobato. **Trajétórias geográficas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. **Mar à vista: estudo da maritimidade em Fortaleza.** Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria de Cultura e Desporto do Ceará, 2002.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. “Litoralização” do Ceará: Fortaleza, da “capital do Sertão” a “Cidade do Sol”. In: SILVA, José Borzacchiello da; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia; ZANELLA, Maria Elisa; MEIRELES, Antônio Jeovah de Andrade. (org). **Litoral e Sertão: natureza e sociedade no nordeste brasileiro.** Fortaleza: Expressão gráfica, 2006.

MATOS, Fábio de Oliveira. **A cidade de papel: cartografia e fotografia na formação do espaço litorâneo de Fortaleza-Ceará.** Dissertação (Mestrado Acadêmico em Geografia) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2009.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993.

ROCHA JÚNIOR. Antônio Martins da. **O Turismo Globalizado e as transformações Urbanas do Litoral de Fortaleza: arquitetura e estetização na Praia de Iracema.** Dissertação de Mestrado. Prodem- UFC, Fortaleza, 2000.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado.** 5ª ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

SILVA, José Borzachiello da. **Nas trilhas da cidade.** 2º ed. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Ceará, 2005.

SILVA, José Borzachiello da. Fortaleza, a metrópole sertaneja do litoral. In: SILVA, José Borzacchiello da; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia; ZANELLA, Maria Elisa; MEIRELES, Antônio Jeovah de Andrade. (org). **Litoral e Sertão: natureza e sociedade no nordeste brasileiro.** Fortaleza: Expressão gráfica, 2006.